Eixo 1: Práticas de inclusão escolar nos diferentes níveis e modalidades de ensino
Relato de experiência

A constituição subjetiva de vidas surdas que transitam a educação inclusiva: violências e contra-condutas

Luisa Leoncio Monti

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: luisamonti@gmail.com

Vanessa Regina de Oliveira Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCar
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). E-mail: vanymartins@hotmail.com

Resumo: A falta de processos inclusivos sólidos na direção às singularidades e as diferenças no espaço escolar se constituem como violências simbólicas. Esta pesquisa tem por objetivo cartografar as práticas de violência simbólica em contexto inclusivo com alunos/corpos surdos e os impactos dela na constituição subjetiva e no ethos surdo. Trata-se de um estudo de casos múltiplos, na perspectiva paradigmática de Michel Foucault, de abordagem qualitativa do tipo descritiva, a partir da perspectiva de um trabalho cartográfico. Estão sendo acompanhadas quatro vidas surdas, em uma cidade no ABC paulista, matriculados na rede pública de ensino, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A coleta de dados está acontecendo em duas frentes: observações na escola, com entradas a partir da vivência em um diário de campo pela pesquisadora e uma entrevista semiestruturada. Será proposta a análise de discursos de alunos surdos, trazendo as marcas de suas experiências e as implicações de tais perspectivas no processo escolar. Optou-se por uma análise cartográfica, com base na filosofia da diferença, com referencial teórico, principalmente, Deleuzo-Guattariano e Foucaultiano. Para organizar a análise dos dados coletados, serão escolhidos eixos norteadores. Acredita-se que a pesquisa possa reconhecer aspectos que levam às violências simbólicas na constituição da subjetividade durante a trajetória escolar de surdos. Espera-se observar experiências em salas regulares que se colocam como resistências. Crê-se que por meio das vozes surdas seja possível favorecer a construção de políticas públicas que aprimorem a inclusão de surdos baseado na lógica da multiplicidade e não da mesmidade normativa.

Palavras-chave: Educação Especial, Surdez, Subjetividade, Violência, Filosofia da diferença.

PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES E MINHAS ANDANÇAS PELO TEMA

A escolha do tema não se deu por acaso. Ele se revela ao se dar como acontecimento e me atravessar, em meu contexto e subjetividade. O tema da violência vem à tona ainda na graduação, colocando-me em movimento a conhecer e me aprofundar no mestrado e, em

seguida, no doutorado.

Em meio a este processo, as dificuldades que já existem na trilha de um doutorado, se intensificam por conta da pandemia de Covid-19. Isolamento, solidão, perdas. Difícil traçar metas de trabalho, ler ou escrever em meio a este contexto. Pensar nas marcas da violência simbólica e suas marcas no *ethos surdo* tomam outros significados. A pesquisa se modifica. É impossível suprimir estes fenômenos todos em meio a uma pesquisa cartográfica. O contexto é importante, neste caso, na tentativa de juntar teoria e empiria, alinhando-me a opção epistemológica feita aqui.

Proferidas as primeiras palavras, chamo o leitor a caminhar comigo, a viajar através do tema de estudo e desta investigação. Este relato de pesquisa trata de apresentar os sentidos da experiência, como pesquisadora, ainda em construção.

A inclusão na Modernidade carrega o desejo de uma demarcação territorial e relacional da diferença (LOPES, 2007). Desde meados da década de 90 fala-se em movimento de inclusão de alunos com deficiência sob o argumento de uma *educação de qualidade a todos*.

A escola estabelece, entre suas funções, disciplinar, ordenar e educar através de sua sofisticada maquinaria (FOUCAULT, 1979). O espaço no qual a inclusão passa a funcionar na escola contemporânea, como um imperativo, pouco é voltada a educação e aprendizagem dos alunos (LOPES; FABRIS, 2013). Além disso, as práticas de inclusão escolar operam, por vezes, na lógica da normalidade.

É discutida aqui a perversidade de uma inclusão que, embora democratize o espaço da escola, não oferece a possibilidade para que os sujeitos que ela frequente, permaneçam. Importante ressaltar que não é objetivo desta tese demonizar a educação inclusiva.

Esta escolarização, sem adaptação própria às necessidades dos sujeitos que frequentam a escola, se constitui como violência. Com a finalidade de definir esta violência, utilizamos o entendimento de microfacismo construído por Gallo (2009), que seriam violências moleculares que se estendem rizomaticamente pela teia social e estão cristalizados nas relações – de casal, irmãos, pais e filhos, pedagógicas, entre outras relações cotidianas – que nos forjam. *Microfacismo*s, portanto, são produzidos nas relações de saber/poder, na *micropolítica diária*. Podem ser entendidas como relações compulsórias e agressivas sobre o

outro e seu modo de vida. Como exemplo, pode-se pensar na imposição de normas, regras ou interdições ao corpo, ao ativismo, a subjetividades plurais e etc.

Nesta perspectiva, a tese é a de que as violências simbólicas são manifestadas nas políticas inclusivas, pela lógica normativa acionada na classificação e categorização dos corpos deficientes e de seus afetos.

O objetivo do projeto é cartografar as práticas de violência simbólica em contexto inclusivo com alunos/corpos surdos e os impactos dela na constituição subjetiva e no *ethos* surdo. Como objetivos específicos: a) Analisar e construir o conceito de violência, a partir da analítica da filosofia da diferença; b) Produzir uma analítica cartográfica sobre as práticas de inclusão e os processos da díade inclusão e exclusão e c) Analisar as práticas escolares por meio das narrativas e vivências de sujeitos surdos e observar as violências simbólicas (de diferentes *ethos* surdos), a partir de seus processos subjetivos, identificando os modos de subjetivação e de resistência que atravessam estes alunos na racionalidade inclusiva de modo a entender quais as adjetivações subjetivais podem produzir mais (ou menos) marcas normativas e produções de corpos mais ajustados ao padrão neoliberal.

A justificativa da realização da pesquisa se encontra na representatividade desses jovens, dando voz e importância às suas escolaridades, possibilitando a construção de políticas públicas que aprimorem a inclusão de surdos no ensino público comum; lugar que lhes pertence por direito de cidadania, pela racionalidade da governamentalidade democrática (CARVALHO; GALLO, 2020).

POR ONDE CAMINHO E ONDE ALMEJO CHEGAR

Apesar das grandes contribuições de pesquisas de cunho cartesianas, dediquei-me em fugir de narrativas científicas fundadas nestes preceitos. Arrisquei-me em pensar metodologias que orbitam longe desses paradigmas. A preocupação sobre como os trabalhos de pesquisa tomam forma me atravessaram. Inspirada pelos ensinamentos deixados por Foucault em suas ideias de um método sem prescrição e pelo contato com a literatura de Rolnik e a cartografia decidi arriscar-me por meio da escrita-experimentação.

Esta pesquisa é um estudo de casos múltiplos, na perspectiva paradigmática de

Michel Foucault, de abordagem qualitativa do tipo descritiva, a partir da perspectiva de um trabalho cartográfico.

O procedimento metodológico adotado foi o cartográfico, pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) e desenvolvido por Félix Guattari e Sueli Rolnik (2005). Se trata de um exercício empírico, de um encontro com o objeto de pesquisa, de explorá-lo, vivenciá-lo, atravessá-lo e recriá-lo.

A coleta de dados no método cartográfico requer a imersão em um território a partir de anotações, movimentos, consultas bibliográficas e outros. Envolve a movimentação no campo de estudo e a experimentação estética e política.

Para esta pesquisa, estão sendo acompanhadas quatro vidas surdas, todos de acordo com o perfil: aluno na etapa do Ensino Fundamental II ou Ensino Médio; matriculado na rede pública de ensino, em sala comum em escola com proposta bilíngue e surdo/deficiente auditivo. Os quatro alunos estão inseridos em uma mesma escola no ABC paulista, uma vez que é relevante que sejam observadas as relações que se estabelecem neste contexto de modo mais adensado.

A coleta de dados está acontecendo em duas frentes: observações na escola, com entradas a partir da vivência em um diário de campo pela pesquisadora e uma entrevista semiestruturada.

Para a observação do campo, está sendo realizado o levantamento de elementos visuais, discursivos e o registro das experiências por meio de um diário de campo que auxiliarão na cartografia da escola inclusiva com vidas surdas. São considerados insumos as práticas discursivas e não discursivas que constituem o contexto escolar.

Para a entrevista, será utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas objetivando compreender: como e quando houve o contato com a Libras na instituição escolar; a trajetória escolar desses alunos; seus maiores desafios dentro da sala de aula e na escola, na relação com os colegas, docentes e equipe escolar; experiências positivas e negativas com professores, colegas e profissionais escolares em geral e, também, sobre possíveis violências simbólicas sofridas dentro da sala de aula.

Os dados coletados serão analisados à luz de pesquisas relacionadas à surdez, educação inclusiva em um referencial teórico que tenha como base as filosofias da diferença,

especialmente, de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault e do processo cartográfico de produção analítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO E A ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas serão vídeo-gravadas e transcritas de acordo com a ordem realizada. Posteriormente, serão organizadas em eixos norteadores para a análise. Os dados coletados por meio das entrevistas e observações em campo serão analisados à luz de pesquisas relacionadas à surdez, educação inclusiva em um referencial teórico que tenha como base as filosofias da diferença, especialmente, de Félix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault e do processo cartográfico de produção analítica.

A pesquisa cartográfica é um método experimental de composição, que coloca em foco a análise de elementos sociais (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI; ROLNIK, 2005). O exercício do pesquisador cartógrafo é acompanhar o traçado de forças (linhas) que compõem “agenciamentos singulares” que marcam os processos subjetivos: uso do conhecimento do espaço para pensar as linhas de territorialização dos sujeitos.

Este método não obedece a um conjunto de regras ou procedimentos pré-estabelecidos pela comunidade científica. Tampouco busca uma verdade absoluta sobre um objeto ou explica um fenômeno.

Ao considerar experiência como “isso que me passa” – ideia desenvolvia por Larrosa (2011) em “Experiencia y alteridade en educación” –, pressupõe-se um acontecimento, algo que não depende de mim, que é exterior a mim. O acontecimento que se dá em mim, me passa, atravessa minhas ideias e palavras. Nesta reflexão, uma vez que a experiência é “isso que me passa”, o pesquisador é “território de passagem”, no qual são deixadas marcas e vestígios. É impossível determinar, portanto, uma separação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa na cartografia.

Serão analisadas as relações entre as ‘palavras e as coisas’ (o dito e o objeto do dito); entre discursividades, os enunciados discursivos e seus efeitos práticas nas relações de saber e poder que produzem modos de subjetivação das vidas surdas acompanhadas. O desejo (ou não) por normalização, entre outros aspectos, a fim de compreender, finalmente, se a estes

sujeitos foi dada a possibilidade de escolher aspectos de sua escolarização, suas trajetórias escolares em sala comum e como tais escolhas afetam/afetaram a constituição de suas subjetividades. Como certos saberes científicos têm constituído a deficiência e, consequentemente, quais são as formas de vida produzidas. Em sequência, para organizar a análise dos dados coletados, a partir das discursividades, serão escolhidos os eixos norteadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE ESPERAR?

Esperamos que, por meio da cartografia, seja possível perceber as relações de saber/poder no campo educacional inclusivo, observando as produções de verdades e as práticas de constituição dos sujeitos surdos. Para avançarmos nas discussões sobre os modos de fazer a educação pelas diferenças é imprescindível compreender qual a realidade que os discursos vigentes no contexto escolar têm produzido e como isso impacta e produz as relações subjetivas.

Não é nosso objetivo demonizar a educação inclusiva. O exercício desta pesquisa busca problematizar as formas e as bases que as constituem e de que modo podemos forjar outras práticas inclusivas que favoreçam a pluralidade de vidas e atue na diluição das práticas de violência simbólica. Os avanços e conquistas ao longo das décadas são significativos e merecem destaques as muitas lutas travadas para a constituição de uma escola em que o ensino se dê para todos. Todavia, as relações cotidianas nos ajudam a entender a complexidade deste espaço e as muitas relações sociais que lá são produzidas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. F.; GALLO, S. D. O. Foucault e a governamentalidade democrática: a questão da precarização da educação inclusiva**.** ***Mnemosine***, v. 16, n. 1, p. 146-160, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.12957/mnemosine.2020.52688 Acesso em: 27 set. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34 Letras, 1995.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALLO, S. Uma apresentação: diferenças e educação; governamento e resistência. In: LOPES, M. C.; HATTGE, M. D. (Orgs.). **Inclusão Escolar**: Conjunto de práticas que governam. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 7-12.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LARROSA, J. E Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27. Disponível em: http://dx.doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444 Acesso em: 27 set. 2022.

LOPES, M. C.; FABRIS, E. T. H. **Inclusão & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

TAKEITI, B. A. **Juventudes, subjetivação e violências: inventando modos de existência no contemporâneo.** Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17056 Acesso em: 08 jul. 2020.